



Economia Real

Luís Mira Amaral

geral@forumcompetitividade.org

ECONOMIA DO CONHECIMENTO

Paul Romer, a quem foi agora atribuído o Nobel da Economia, foi em 2000 meu professor de macroeconomia na Graduate School of Business da Universidade de Stanford. Foi ele o autor da Teoria do Crescimento Endógeno, a qual eu expliquei no meu livro "Economia Tech", ensinando-a no programa "Economics for Engineers" nos mestrados do IST.

No modelo de Solow tínhamos os clássicos fatores físicos de produção, capital e trabalho, como variáveis da função agregada de produção. Os economistas já reconheciam a importância da tecnologia e do conhecimento, mas não incorporavam essas variáveis no modelo económico. Romer, com a sua Teoria, incorporou o conhecimento como variável explicativa (endógena) do crescimento económico, passando o conhecimento a ser um novo e virtuoso fator de produção, a par com o capital e o trabalho. Chegamos assim à chamada Economia do Conhecimento. O conhecimento pode ter rendimentos marginais crescentes, gerando-se assim círculos virtuosos de crescimento nas empresas e regiões que conseguem criar e gerir o conhecimento. Ao contrário, as economias que ficam apenas nos fatores físicos, com rendimentos marginais decrescentes, começam a patinar, como aconteceu à economia portuguesa em 2000 com a continuação da aposta no betão...

As economias que ficam pelos fatores físicos começam a patinar, como aconteceu a Portugal em 2000 com a aposta no betão

Quando se investiga gasta-se dinheiro (investe-se) para criar conhecimento, mas é preciso depois injetá-lo nas empresas e no sistema socioeconómico para a economia se desenvolver. Chegamos assim à inovação empresarial, em que se gere nas empresas o conhecimento para, num contexto de mudança económica e social, se inovar, criando valor (ganhando dinheiro), através da diferenciação em relação à concorrência. O nosso país já avançou nos últimos anos na investigação científica e tecnológica e o grande desafio agora é o da inovação empresarial, ligando as empresas ao Sistema Científico e Tecnológico.

Neste exigente modelo precisamos ainda em Portugal de engenheiros que também tenham conhecimentos de economia e gestão para compreenderem os desafios da economia do conhecimento, percebam a disrupção que a evolução tecnológica provoca nos modelos de negócio com a conseqüente necessidade de inovação estratégica e que dominem os chamados "soft skills". A vida económica não é apenas tecnologia! Contribuo para essa formação dos engenheiros através do livro que acabei de publicar, "Gestão para Engenheiros", editado pela Nomics.

Engenheiro (IST)
e Economista (Msc NOVASBE)